

Educomunicação e refúgio: uma década de formação de comunicadores nas fronteiras¹

Juliana Caroline Levandovski²

Isabelle Oliveira Hoffmann³

Natali dos Santos Slusarz Schovarts⁴

José Carlos Fernandes⁵

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O programa de extensão NCEP, da UFPR, trabalha há uma década em prol da temática de migração junto a refugiados. Neste tempo, diversas atividades foram desenvolvidas, consolidando um acervo de materiais e produtos comunicacionais. A partir dos pilares freirianos da educomunicação e comunicação popular, estima-se que o projeto esteve presente na trajetória acadêmica de aproximadamente 25 alunos de comunicação ao longo de dez anos. Com base no levantamento histórico das ações desenvolvidas, é possível traçar os impactos e as contribuições do projeto na formação dos extensionistas como futuros comunicadores. Dessa forma, desenvolveram-se entrevistas semi-estruturadas e pesquisa de caráter social-colaborativa com os ex-egressos do projeto.

Palavra-chave: Refugiados; Educomunicação; Hospitalidade; Comunicação; PBMIH.

INTRODUÇÃO

Há pouco mais de dez anos, o programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP) – existente desde 2003 – realiza trabalhos em conjunto com as comunidades migrantes e refugiadas de Curitiba e Região Metropolitana, com o projeto denominado Refúgio. Baseado nos conceitos de Freire (1987, p. 44), o programa, que abarca alunos de Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná (UFPR), entende a dialogicidade como forma primordial para a realização de uma relação mais humana e igualitária entre a comunidade acadêmica e o coletivo social.

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação e Cidadania, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná - UFPR, e-mail: julianalevandovski@ufpr.br

³ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná - UFPR, e-mail: natali.schovarts@ufpr.br

⁴ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná - UFPR, e-mail: isabelle.hoffmann@ufpr.br

⁵ Orientador do projeto e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR, e-mail: zeca@ufpr.br

Diante desses princípios, o entendimento sobre aumento do fluxo migratório no Brasil, tornou necessário o desenvolvimento de iniciativas que buscassem a inclusão social dos refugiados e a percepção do impasse decolonial que a questão carrega (Bhabha, 2013). No entanto, observa-se que a estrutura destinada para pessoas vindas de outros países apresenta lacunas no que se refere aos princípios da hospitalidade e do refúgio. A violação dessa hospitalidade se inicia a partir da perspectiva linguística, dada a imposição contumaz de que o estrangeiro deve traduzir sua própria língua se sobressai diante das atitudes de acolhimento (Derrida, 2003).

Nesse sentido, surge a disposição por parte dos integrantes do NCEP em praticar ações extensionistas, com base na educomunicação e comunicação popular, em conjunto com esses grupos. Após tais trabalhos, realizados em conjunto com a comunidade, aos extensionistas, deu-se a reflexão sobre quais percepções do problema social do Refúgio foram incorporadas no desenvolvimento dos futuros comunicadores. Para dar entendimento, além da questão supracitada, o intuito do presente artigo é formar uma linha histórica sobre o projeto Refúgio e qualificar a experiência extensionista realizada junto a refugiados e migrantes, de modo a entender em que a experiência no trato extensionista com refugiados afeta a compreensão do conceito de hospitalidade e interferiu na formação dos comunicadores contatados. Para isso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e pesquisa social-colaborativa, coletadas de março a junho de 2025, participaram do levantamento 6 ex-egressos do projeto.

ETAPA 1: INVENTÁRIO DE UMA DÉCADA DE EXTENSÃO

Como tudo começou: Casa Latino-Americana

Em dez anos de prática da extensão universitária junto de outros programas e projetos – em prol da temática do refúgio – o NCEP (Núcleo de Comunicação e Educação Popular) construiu um acervo de fotografias, vídeos curtos, produções comunicacionais e artigos científicos. Nesse sentido, cabe o resgate histórico das ações extensionistas desenvolvidas até o momento, bem como, os aprendizados e trocas estabelecidos entre o NCEP e os migrantes.

Como primeira experiência, entre 2014 e 2017, os extensionistas do núcleo participavam das atividades de acolhimento e das aulas lecionadas para migrantes

haitianos na Casa Latino-Americana (Casla) e em escolas municipais da periferia de Curitiba, colocando em prática o caráter da dialogicidade (Gonçalves; Quimelli, 2016). Desses encontros, surge como resultado o *website* “Migrashow”, que teve como base a produção de vídeos dos migrantes sobre a nova realidade vivenciada, além de conteúdos de apoio para o ensino da língua portuguesa.

O uso da palavra se tornou o ponto-chave para a construção do produto, em que por meio da iniciativa, foi possível identificar os estranhamentos linguísticos dos haitianos, bem como, o uso democrático dos meios de comunicação, tratando de que os migrantes não apenas tivessem contato com as ferramentas comunicacionais, mas fizessem o uso delas (Martín-Barbero, 2011).

Trajetos de uma parceria: NCEP e PBMIH

A partir de 2018 tem início a parceria com o projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH), realizado nas dependências da própria universidade – aos sábados pela manhã, no Edifício D. Pedro II, da Reitoria da UFPR – e se concentra no ensino da língua portuguesa como acolhida para migrantes, refugiados e apátridas. Como as turmas são dinâmicas e o grupo de alunos sofre alterações a cada semana, são cedidos ao núcleo espaços de aulas para a realização de oficinas que carregam a pedagogia de “porta giratória” – conceito aplicado pelos professores do PBMIH em sala de aula – e que estabelece a construção de um planejamento pedagógico independente, ou seja, cada encontro possui início, meio e fim (Cursino et al., 2016). O uso dessa metodologia se baseia na incerteza se o migrante terá condições de estar no próximo encontro, visto a precariedade presente no seu cotidiano – como, por exemplo, o distanciamento de recursos que possibilitam a mobilidade e locomoção.

No contexto da pandemia de Covid-19, com os encontros de sábado paralisados, os extensionistas do núcleo se propuseram a ações que trabalhassem com a comunicação e interação sensível, que segundo Sodré (2006), implica em aproximar-se diretamente do receptor a partir do ajustamento afetivo, considerando as emoções e sensibilidades (Morin, 2021). A partir dessa estratégia, é desenvolvida a iniciativa “Ponte das Palavras”, com a troca de cartas entre as extensionistas do NCEP com alunas do PBMIH. A atividade se concentrou na mulher refugiada devido ao recorte analítico feito sobre esse grupo à época. Em 2021, cerca de 432 solicitações para condição de

refúgio no Brasil tinham como origem mulheres no Paraná⁶, principalmente haitianas, venezuelanas, sírias e cubanas.

Assim, a grande maioria das destinatárias das cartas eram mulheres negras, economicamente vulneráveis, enquadradas informalmente no mercado de trabalho e residentes de áreas periféricas da cidade, o que evidenciava o distanciamento sociocultural e territorial.

Com os encontros retomados, de 2023 em diante, sentiu-se a necessidade – por parte do PBMIH – de criar um espaço em que os filhos dos refugiados praticassem atividades pedagógicas e de integração, para que, em paralelo, os pais pudessem assistir às aulas. Nesse contexto, a equipe “Refúgio” – como o projeto foi nomeado pelo NCEP – se concentrou na produção seriada de webdocs de simples entendimento, intitulados “Quem sou eu?”, os quais explicavam situações do cotidiano – como, por exemplo, a ida ao mercado e o uso do transporte coletivo.

O modelo de oficinas giratórias é retomado, mas desta vez, com as turmas infantis e infantojuvenis, contemplando temáticas variadas. Exemplos são oficinas de culinária, folclore e profissões, realizadas no primeiro e segundo semestre de 2024. Além disso, os extensionistas do núcleo colocam em prática conceitos de fotografia ao realizar a cobertura de eventos letivos do PBMIH. A ideia educacional, estabelecida no segmento de “fazer com” e não “fazer para” (Freire, 1976), implica que as atividades busquem, sobretudo, o diálogo e a reflexão mútua, a fim de que os refugiados sejam ativos dentro do processo extensionista.

No viés de planejamento, o núcleo prioriza ações que tenham ligação com os conteúdos ministrados pelo PBMIH, possibilitando a “inserção das pessoas num processo de comunicação, no qual possam se tornar sujeitos do seu processo de conhecimento” (Peruzzo, 2002). Adiante do seio comunicacional, a parceria do NCEP com o PBMIH possui a característica de “constelação” (Barbosa, 2020), em que os extensionistas do núcleo, cada qual com suas diferenças, se organizam de forma coletiva em proveito de uma ação, visando o caráter de transformação e impacto.

Para os participantes do Núcleo, a atuação dentro da dinâmica do PBMIH possibilita, sobretudo, a retirada do drama dos refugiados do campo imaginário. Acima

⁶ Dados do Conare (Comitê Nacional dos Refugiados), disponíveis em:
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrJoiZTk3OTdiZjctNGOwOC00Y2FhLTgxYTctNDNIN2ZkNjZmMWVlIiwidCI6ImU1YzZmM3OTgxLTgyZjctNDNkMmFmODBiZSIsImMiOiJh9>

de ser observador da integração gradual dos migrantes, também se viabiliza um olhar atento para a própria cultura e as contradições nos princípios de refúgio e hospitalidade, anteriormente mencionados. Nesse sentido, cabe junto ao ato de comunicar a utilização teórica-prática da “pedagogia da esperança”, como cita Hooks (2021), em que a quebra dos “paradigmas de dominação” incluem que a formação de vínculos acolhedores e humanitários é peça chave para a exclusão de fronteiras e barreiras existentes, sejam elas linguísticas ou sociais.

ETAPA 2: QUALIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS EXTENSIONISTAS

A fim de qualificar o saldo e impacto da ação extensionista junto a refugiados e migrantes, foi desenvolvida uma pesquisa com valor enquete e de cunho social-colaborativa limitada com ex-participantes do projeto Refúgio. Os questionamentos foram inseridos em um formulário online, desenvolvido pelos atuais egressos do projeto em conjunto com o professor coordenador. A ideia para a construção das perguntas dispostas na enquete se deu através do questionamento central do estudo em como as práticas extensionistas com refugiados refletem na formação acadêmica e profissional de futuros comunicadores.

Para aplicação da pesquisa, foi encaminhado o formulário via aplicativo WhatsApp para dez ex-participantes do Refúgio, os quais colaboraram em diferentes épocas do projeto. A coleta das respostas ocorreu durante o período de duas semanas, entre 23 de junho a 6 de julho de 2025. Como se trata de uma pesquisa limitada, a conferência das respostas recebidas foi feita separadamente, visando uma melhor análise quantitativa, e sobretudo, qualitativa. Ao todo, foram obtidas seis respostas, o que representa um percentual aproximado de 24% do conjunto total de extensionistas que participaram do projeto em dez anos e 46% do conjunto de ex-egressos os quais havia meios de contato. Como algumas respostas requerem caráter de relato de experiência, não há identificação de nome e gênero.

Em suma, para além de classificar a extensão praticada junto a esses grupos, também foi possível entender pela visão dos extensionistas o grau de eficiência e relevância das ações realizadas, pensando tanto na perspectiva acadêmica, tal como, na transformação do cotidiano desses migrantes. Ademais, dos 12 questionamentos feitos

na pesquisa, foram selecionados cinco – os quais se entrelaçam com os objetivos de pesquisa apresentados, sendo eles:

- a) De 1 a 5, sendo 1 menos importante e 5 mais importante, o que a experiência de ter participado do projeto de extensão para refugiados, no NCEP, representou na sua trajetória acadêmica;
- b) O que você diria sobre o impacto que a participação no projeto “Refúgio” junto ao Ncep teve na sua percepção do dilema dos migrantes, refugiados e destinatários de ajuda humanitária;
- c) Indique de forma breve uma recordação positiva sobre o projeto e/ou sobre sua participação no projeto;
- d) De 1 a 5, qual seu grau de concordância com as frases abaixo. Sendo 1 discordo totalmente e 5 concordo totalmente:
 - A complexidade do fenômeno da migração e dos refugiados desafia as práticas habituais da extensão universitária;
 - A ação extensionista junto a migrantes e refugiados é um dever dos projetos universitários, dada a dimensão desse fato geográfico e político.

Preliminar à interpretação da etapa histórica e qualitativa, é necessário ressaltar os devidos meios de respostas aplicados em cada questão: a), b) e d) se utilizaram do método fechado, sendo escala Likert, caixa de seleção de até três opções pré-definidas e escala Likert, respectivamente; enquanto c) utilizou do método aberto, possibilitando que os extensionistas relatassem em suas palavras os acontecimentos marcantes do projeto Refúgio.

RESULTADOS: ETAPA HISTÓRICA E QUALITATIVA

A partir do resgate de uma década de ações extensionistas com refugiados e migrantes, é possível estabelecer a dimensão do impacto que tais práticas tiveram no desenvolvimento de comunicadores em formação. Diante dos diferentes momentos pelos quais o projeto Refúgio passou durante esse período, cabe destacar que a ponte entre o Núcleo e migrantes se deu principalmente através do recurso linguístico, sobretudo, por meio da barreira vivenciada por estrangeiros nos quesitos que delimitam as atitudes de hospitalidade (Derrida, 2003). Ainda, a percepção da língua portuguesa como uma forma de acolhimento situa o papel educomunicativo das ações realizadas

pelo NCEP: a interação sensível com aquele que “recebe a extensão”, reafirmando a troca mútua de conhecimentos e, especialmente, reconhecimento (Freire, 1976).

Nesse sentido, as relações dos extensionistas do Refúgio com migrantes se dá em uma teia sociossemiótica, ou seja, levando em consideração os vínculos culturais e sociais existentes. Segundo Landowski (2012), as práticas de acolhimento com aquele denominado como *o outro* – neste caso, os refugiados e migrantes – não podem ser vistas apenas da perspectiva técnico-pedagógica, mas sim por meio de relações que enxerguem o estrangeiro como um legítimo portador de sentido. A partir disso, é viável entender, de maneira qualitativa, os aspectos e pontos destacados por ex-egressos do Refúgio acerca da repercussão das ações com migrantes na trajetória individual e acadêmica.

Primeiramente, é fundamental entender o que a extensão com migrantes representou na vida universitária dos extensionistas. Dentre as seis respostas obtidas, em uma escala de 1 a 5 – sendo 1 menos importante e 5 mais importante – 50% marcaram a opção “5”, relatando que as ações tiveram grande impacto em sua formação. Em sequência, classificando a atuação do Núcleo diante do contexto dos refugiados, 66,7% das respostas afirmam que a complexidade da temática de migração desafia as práticas habituais da extensão universitária. Nessa mesma análise, 66,7% consideram que, apesar da extensão com refugiados ser complexa, é um dever dos projetos universitários praticar ações junto a esses grupos, devido a questões políticas e geográficas. Além disso, 83,3% consideram que a participação no projeto auxiliou a entender de uma melhor forma a dimensão da problemática de refugiados e migrantes.

Por outro aspecto, em relação ao impacto na formação desses comunicadores, os ex-egressos do projeto Refúgio destacaram algumas recordações a respeito das experiências vividas através da prática extensionista. Dentre os relatos se encontram manifestações como “O contato com migrantes e refugiados foi fundamental para minha formação acadêmica, pessoal e profissional. A proximidade com o tema possibilitou com que eu participasse de simpósios e abordasse o assunto em reportagens/trabalhos para outras disciplinas (...); “(...) [A participação no Refúgio] foi com certeza os melhores anos do meu período na UFPR”. Ainda, houve respostas que mencionaram acontecimentos específicos que marcaram a participação do(a) extensionista no projeto, dentre esses, a visita à casa de uma família síria, conforme no relato abaixo:

Um dos momentos mais importantes da minha trajetória acadêmica foi com o projeto! Na época, fomos até a casa de uma família refugiada da Síria. Eles vieram ao Brasil para fugir da guerra e apenas um deles falava português. Eles nos receberam e cozinham comidas típicas deles e nos ensinaram danças típicas. Apesar de não falarmos a mesma língua, foi uma noite muito divertida e legal, porque conseguimos nos comunicar o tempo inteiro. Fiquei muito emocionada pensando nas possibilidades da comunicação e como ela vai muito além da linguagem. (Ex-extensionista anônimo, 2025).

Dessa forma, levando em consideração a prospecção de experiências e a exposição dos dados captados sobre a percepção de ex-egressos do Refúgio, conclui-se que, apesar de dificuldades enfrentadas pelos comunicadores em estabelecer atividades que permitem a troca mútua entre o NCEP e os refugiados, as ações possibilitaram um maior contato para com os migrantes e seu contexto, obtendo como resultado respostas positivas por parte dos extensionistas.

A respeito do segundo quesito, referente ao impacto do projeto na formação de comunicadores, foi possível perceber que o Refúgio influenciou diretamente na trajetória acadêmica desses ex-estudantes a partir de experiências ímpares, possibilitando que os mesmos pudessem ampliar seu entendimento acerca do papel da comunicação em questões geopolíticas atuais, bem como, a aplicação de seus conhecimentos adquiridos na universidade em ações extensionistas e, reciprocamente, o modo como as atividades de extensão alteraram percepções no campo acadêmico. Dessa forma, pelo caráter limitado da pesquisa desenvolvida e aplicada, a presente análise se torna ponto de partida para ampliação de possíveis reflexões acerca da prática extensionista com refugiados, bem como, o impacto dessas atividades na construção acadêmica de futuros comunicadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do resgate histórico do projeto Refúgio, conclui-se que a ação extensionista junto a refugiados – palavra guarda-chuva para o conjunto de variantes que envolve esse grupo social –, a contar pelo microcosmo do programa NCEP, é pautada pela dificuldade. Em uma década de atuação, completada em 2024, o núcleo transitou por cinco parcerias diferentes – a dizer: a ONG Casa Latino-Americana (Casla); Secretaria Municipal Extraordinária de Direitos Humanos; Secretaria

Municipal de Educação; Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec) e PBMIH, essa última a paragem mais duradoura, mas também a mais intranquila.

Os motivos das descontinuidades anteriores passam pela incompreensão dos limites dos projetos de extensão, posto que os universitários não têm como se dedicar integralmente à acolhida dos migrantes. Em outros casos, a interrupção se deu por motivos políticos. No PBMIH e na Proec, à revelia de serem mantidos pela universidade pública, os riscos não são menores. Disputas internas, falta de verbas e ausência de apoio institucional quase levaram os projetos a pique mais de uma vez. Em resumo, a instabilidade a que os migrantes estão sujeitos são agravadas pela inconstância dos projetos que os atendem. O que não rouba o brilho das ações, pelo aprendizado que carregam, sob o signo da palavra “hospitalidade”. Acrescente-se que a inserção dos estrangeiros na rotina da cidade vai se naturalizando, com o aprendizado da língua, e trazendo novos desafios.

Analisando a visão do universitário por meio da pesquisa realizada com os ex-egressos do projeto Refúgio, faz-se necessário entender que maior impacto desse projeto, tanto na formação acadêmica como na avaliação extensionista, está em proporcionar um maior contato com refugiados, grupo o qual vem crescendo cada vez mais ao longo dos anos – dada às questões sócio-políticas, geográficas e ambientais atuais. Sendo assim, tal espaço abre possibilidades na criação de conhecimentos e desenvolvimento de ações relacionadas ao tema, essenciais na capacitação de futuros comunicadores. Essas percepções novas, advindas do contato com o “outro”, promove a prática de acolhimento além do técnico-pedagógico defendido por Landowski (2012), possibilitando um olhar mais humanizado e menos intolerante para com o estrangeiro.

Ademais, mesmo com os desafios para colocar em prática os conhecimentos acadêmicos na extensão, foi possível perceber que a linha temática exige uma certa demanda. Em razão disso, a visibilidade da questão migratória por parte das universidades se torna essencial e que em outra perspectiva gera trocas sócio-culturais ricas em diversidade e empatia, o que promove o desenvolvimento de vínculos e afetos.

Portanto, resta dizer que não há rotina nessas divisas que o melhor caminho para a inclusão dos migrantes reside na ação em redes (Landowski, 2012). Assim, a educomunicação se mostra um instrumento primoroso de aproximação, por se mostrar imunizada ao preconceito linguístico, aos vícios do pensamento escolarizado e por

professar que o outro tem o poder de projetar na palavra e na imagem sua própria visão do mundo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. **Comunicação e método: cenários e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. 2.^a ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

CURSINO, C. et al.. **Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMH): reflexões linguísticas e pedagógicas para o ensino de PLE em contexto de migração e refúgio**. UFPR, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/38464340/>. Acesso em: 28/04/2025.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf>. Acesso em: 24/04/2025.

GONÇALVES, N. G. QUIMELLI, G, A.S. (orgs). **Princípios da extensão universitária: contribuições para uma discussão necessária**. Curitiba: CRV, 2016.

HOOKS, B. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Trad. Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021

LANDOWSKI, E. **Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2011.

MORIN, E. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Comun. Inf.**, v. 2, n. 2, p. 205-228, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/viewFile/22855/13596>. Acesso em: 28/04/2025.

SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.